



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2018



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula

DISCURSOS NA REVISTA BRASILEIRA DE ESTATÍSTICA: ESTRATÉGIAS DE GOVERNO NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA?

Paula Cristina Bacca¹

Claudia Regina Flores²

Resumo

Partindo de uma perspectiva Pós-estruturalista, valendo-se dos estudos foucaultianos, este artigo é fruto de uma pesquisa em andamento que problematiza algumas instâncias sobre o ensino de Matemática, sendo elas: 1) que ele se constitui como uma prática discursiva no viés de Foucault, logo proveniente de relações de poder-saber; 2) que se conecta, no sentido enunciativo, à Educação de forma geral; 3) que é tempo de tanto desconstruir quanto escavar as condições de possibilidade desses saberes, por intermédio da análise arqueológica de periódicos da primeira metade do século XX, no Brasil, dentre eles a *Revista Brasileira de Estatística* (RBE); 5) que lhe cabe operar analiticamente através de uma metodologia singular, aberta e inventiva, cuja vontade de saber trata os discursos como verdades postas que devem ser interrogadas. Nosso caminho se direciona, enfim, para garimpar textos, técnicas e procedimentos na RBE que pareçam evidenciar determinados discursos no ensino de Estatística, em específico, e na Educação Matemática, em geral.

Palavras-chave: Educação; Ensino de Matemática; Arqueologia; Revista Brasileira de Estatística.

1. Problematizando uma prática discursiva

Um dos expoentes da história da Educação brasileira, Lourenço Filho, iniciava um texto em 1940 discutindo a respeito da importância do investimento do Estado na escolarização em massa, de modo que se fizesse um esforço nacional em prol de uma Educação pública, gratuita e obrigatória. Nas suas palavras, “[...] devemos cuidar incessantemente da Educação. Da Educação pública em todos os gêneros e graus” (FILHO, 1940a, p. 649). A partir dessa ideia base, o eminente pedagogo desenrolava ao

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina. Professora do Instituto Federal Catarinense. E-mail: paula.bacca@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Departamento de Ensino do Centro de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador produtividade CNPq. E-mail: claudia.flores@ufsc.br



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula longo do seu texto algumas propostas que envolviam a Educação primária e secundária, mirando a necessidade de planejá-las pormenorizadamente, a fim de maximizar os efeitos ao mesmo tempo em que os cursos dispendidos se tornassem eficientes. É daí que Lourenço aponta, a partir de dados que envolve a Matemática, a Geografia, a Demografia, a Política, a sociedade e a administração escolar, caminhos que possibilitassem alcançar o desenvolvimento do país, seja ele econômico, seja ele cultural. Conforme ele alertava, “Se a ignorância produz a miséria, a miséria eterniza a ignorância” (FILHO, 1940a, p. 663-664). Talvez nessa proposta Lourenço Filho não apresentava nada de inédito, nem seria o primeiro, e muito menos o último, a fazê-lo. O que chamava a atenção, entretanto é que esse texto inaugurava um periódico que daquele ano em diante, teria presença fixa no universo acadêmico brasileiro: a *Revista Brasileira de Estatística*, publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Essa publicação oficial da Associação Brasileira de Estatística (ABE) é o periódico estatístico mais antigo do país, com início de suas atividades em 1940. A *Revista Brasileira de Estatística* foi idealizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística com o intuito de divulgar os estudos na área da estatística. Dado o papel relevante da estatística e em “uma época em que os métodos de produção, baseados nos ensinamentos da técnica, suplantam, por toda parte, o empirismo e a rotina” (SOARES, 1940, p. 4) a *Revista Brasileira de Estatística* tinha também por finalidade a propaganda e a educação estatística. A ideia principal, nas palavras do presidente da instituição, era de instruir os trabalhadores da área para que “os frutos das atividades que eles exercem representem uma contribuição convincente às crescentes necessidades de uma civilização cada vez mais esclarecida e, por isso mesmo, mais exigente” (SOARES, 1940, p. 3). Com dois volumes anuais, ela vem publicando trabalhos relevantes em Estatística Aplicada, principalmente. Porém, desde as primeiras tiragens, encontramos nas suas páginas textos que envolvem matérias tão díspares quanto relacionadas à Estatística, como a Educação, o ensino e aprendizagem e a Educação Matemática. Essa revista vem sendo um profícuo registro histórico, político e econômico do Estado brasileiro e tudo que o envolve. Algo, aliás, que não surpreende, pois a ciência Estatística, na sua história, sempre foi colocada como um órgão a serviço do Estado e do governo. Ora, popularmente, entende-se Estatística como um conjunto de dados



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula numéricos requisitados e depois publicados pelo Estado. Entretanto, sua ação extrapola consideravelmente tal premissa: “Desde remota antiguidade, os governos têm se interessado por informações sobre suas populações e riquezas, tendo em vista, principalmente, fins militares e tributários” (POMPEU, 2004, p. 11).

Atualmente, a Estatística vem ganhando protagonismo a partir do aprimoramento da coleta e do controle dos mais variados dados pelas agências governamentais e as instituições privadas, tornando-se um dos mais eficientes mecanismos para aferir critérios como rendimento, eficácia e produtividade. Por outro lado, expande seus saberes para inúmeras áreas do conhecimento, dentre elas a Educação, que passa a ser medida por órgãos avaliativos que almejam, por exemplo, definir aprendizagens boas e ruins. Na época de inauguração da *Revista Brasileira de Estatística*, seu primeiro texto já se preocupava com tal demanda. Pensamos que hoje, todavia, tal prerrogativa vem sendo intensificada (VEIGA-NETO, 2000; GENTILI, 2013; BALL, 2013). Ela vem servindo como régua de medida para mecanismos que aferem a qualidade total, a autonomia e a flexibilidade das instituições (FRIGOTTO, 2013).

Dialogando com Foucault (2008), entenderemos aqui a Estatística como um dos principais dispositivos do Estado-nação para governar a sua população. Para o filósofo francês, ela historicamente vem englobando uma multiplicidade de estratégias sob as quais a razão de Estado exerce o poder no bojo de estruturas tanto micro quanto macrofísicas, como a família, a Medicina, a escola, a Estatística, etc. Como o objetivo do governo “[...] é fazer com que o Estado possa se tornar sólido e permanente, que possa se tornar rico, que possa se tornar forte diante de tudo o que pode destruí-lo” (FOUCAULT, 2008, p. 6), a Estatística responderia a um duplo imperativo de tanto permitir ao Estado conhecer em detalhes sua população quanto, em segundo lugar, oferecer uma base que respalde as atitudes, reformas e políticas a serem executadas. Essa premissa por si só já mereceria dar à *Revista Brasileira de Estatística* um olhar mais atento, pois como ela circula desde a década de 1940 no Brasil, isso nos ofereceria a oportunidade de entender a trajetória das políticas públicas nas últimas décadas dando relevo à Educação. Pelo menos até 1987 temos um registro valioso de como a Educação e o ensino da Matemática foram sendo enunciados, posto que é a partir desse ano que



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula um próprio editorial coloca que, a partir de então, dar-se-ia maior ênfase a trabalhos de Estatística Aplicada (PESSOA, 1987); porém, ainda sim teríamos um universo de 47 anos de análise que dava cadeira cativa tanto à Educação quanto à Educação Matemática nas páginas desse periódico.

No entanto, ao tratar os textos da *Revista Brasileira de Estatística* enquanto um arquivo, o que no sentido proposto por Foucault (1987) pressupõe pensa-la como um conjunto coerente e organizado de discursos, poderíamos realizar uma espécie de arqueologia, entendendo de que forma sua sistematização de objetos e enunciados discursivos se refletem em algumas questões contemporâneas relacionadas à Educação e, em especial, ao Ensino de Matemática. É claro que esse recorte é demasiadamente amplo, mas nossa pesquisa, no entanto, é mais reduzida. Ele tenciona os arquivos da Revista Brasileira de Estatística de modo a entender como a estatística se tornou um saber disciplinarizado dentro da escola. Por ser um meio de divulgação e educação estatística, a *Revista Brasileira de Estatística*, nos oferece um riquíssimo documento que poderá, de alguma forma, nos evidenciar as condições de emergência e proveniência dos enunciados do Ensino de Matemática e, conseqüentemente, da estatística.

2. Caminhos para problematizar

Inicialmente, não é nossa intenção investigativa principal encontrarmos recursos para melhorar as aulas de Matemática, propondo didáticas inovadoras. Também não vamos idealizar um cenário pedagógico perfeito para servir de modelo universal para o professor de Matemática. Nosso problema, ao contrário, questiona quais são as teorias sobre didática nessas áreas que são mais celebradas hoje? Quais os princípios das estatísticas educacionais? Como a disciplina de Estatística se tornou disciplinarizada? Desses questionamentos, viria o principal de um estudo foucaultiano: onde surgiram todas recomendações? Como elas ganharam relevo e notoriedade? Quem são aqueles que as defendem? Ora, quem lê quer sobre o Ensino de Matemática, quer sobre a Educação Matemática, quer sobre algumas linhas da Educação, sabe que frequentemente se advoga em prol de pedagogias ativas e metodologias participativas, centradas na aprendizagem do estudante utilizando a interdisciplinaridade. Este



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula discurso, frequentemente tendo seu suporte nas estatísticas educacionais, floresceu e continua dando frutos. Mas Foucault, desconfiado, perguntaria: quem disse isso? E por que chegou a dizê-lo? Resumidamente, nossa pesquisa vai ao encontro do que foi dito e considerado historicamente como verdadeiro nessas áreas do conhecimento, questionando *quem* vem falando sobre tais verdades, *como* essas verdades vêm sendo discursadas, e de que lugar vem sendo disparadas essas verdades: trata-se de uma *análise de discurso* foucaultiana.

Em se tratando da junção entre a Educação e o Ensino de Matemática, isso nos conduziria a 1) buscar a definição de quais elementos foram necessários para que esses conhecimentos contemporâneos tenham sido possíveis; 2) investigar as condições de possibilidade históricas que cancelaram essas ideias soberanas; 3) descrever o que ficou sendo autorizado a se dizer e escrever nessas ordens discursivas. Muita coisa nos vale a crer que, em periódicos como a *Revista Brasileira Estatística*, estão as raízes que distribuem os discursos, os enunciados e os conceitos que dão base de apoio às formações discursivo-pedagógicas hodiernas.

Em linhas gerais, podemos perceber quer na Educação, quer em algumas tendências do Ensino de Matemática, a tese-motriz segundo a qual é objetivo de ambas produzir um modelo almejado de sujeito, autônomo, livre, crítico e protagonista. Todavia, caso entendermos que hoje o neoliberalismo reina hegemônico e que seu ideário de alicerce é aquele que defende que os sujeitos devem ser empresários e empreendedores de si mesmos, será que a Educação e o Ensino de Matemática não estariam servindo adequadamente e convenientemente ao pensamento neoliberal? Não estaria o ensino de Estatística fazendo o mesmo? Nos incomoda, neste momento, e cogitamos que ao 1) rastreássemos as condições de emergência de um discurso educacional estatístico lá na *Revista Brasileira de Estatística*, na primeira metade do século XX; 2) descrevêssemos o que mais vem sendo dito nessas áreas, enumerando seus maiores mantras e 3) identificássemos o que elas incluem e excluem, quem sabe nossas lentes críticas estariam um tanto quanto distorcidas e desfocadas.

Para tanto, nosso caminho direciona-se em Garimpar textos, técnicas e procedimentos na *Revista Brasileira de Estatística* que pareçam evidenciar



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula determinados discursos no ensino de Estatística, em específico, e na Educação Matemática, em geral, descrevendo os textos presentes no arquivo escolhido a partir dos seus enunciados, relacionando seus ditos e escritos a discursos ordenados e problematizando, por intermédio da análise do discurso foucaultiana, quais seriam as condições históricas para a emergência dos discursos pedagógicos contemporâneos no que se refere tanto ao ensino de Estatística quanto ao ensino de Matemática. Assim, espera-se compreender como foram construídas as relações de poder e saber que instituem discursividades na junção do ensino da Matemática à Estatística.

Nas próximas seções, com o auxílio dos estudos foucaultianos, cabe nos apresentar quais as problematizações já encontradas e as possíveis para o futuro caminho de nossas investigações.

3. Ferramentas para problematizar

Esta pesquisa tem como base teórica a arqueologia de Michel Foucault; e seus elementos teóricos vertidos ao ensino de Matemática. Foucault (1987) teoriza o discurso como um conjunto estável e ordenado de regras por meio das quais nos referimos sobre determinado objeto. Segundo ele, devemos seguir normas e padrões para sermos autorizados a comentar sobre dada área; ninguém é livre para dizer o que quiser, no lugar que quiser, conforme o jeito que quiser (FOUCAULT, 1996). É preciso seguir ordens discursivas, que autenticam a nossa palavra e a avaliam segundo critérios de certo ou errado, normal ou anormal.

Foucault tratou ao longo das suas obras as teorias como práticas construídas em meio a relações de poder e saber, por conseguinte esses discursos produzidos nunca foram neutros nem descolados de um a priori histórico que os movia. Mais do que isso, carregavam uma vontade de verdade que promoveria uma vontade de dominação de uns sobre os outros. Com efeito, Foucault sinaliza que todo conhecimento é “[...] uma prática e uma teoria do discurso que é essencialmente estratégica; estabelecemos discursos e discutimos, não para chegar à verdade, mas para vencê-la” (FOUCAULT, 2002, p. 140).



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula

Na esteira de questionar a organização discursiva de uma dada teoria, Foucault (1987) sugere que façamos uma garimpagem a fim de inventariar quais seriam as teorias hegemônicas nesse campo. Após, descreveríamos o que mais aparece em termos linguísticos nesses conceitos. Em último lugar, questionaríamos como emergiram e de onde vieram esses pensamentos, no encalço de entender quais foram as relações de poder e saber que capitanearam tudo isso. É preciso deixar claro que existem, entretanto, outros fios condutores na obra de Foucault que podemos no encaminhamento da pesquisa desbravar: arqueologia, genealogia, poder, episteme, subjetivação, governamentalidade, biopolítica, etc.

Já no que se refere aos estudos voltados para o ensino de Matemática que se vale dos aportes foucaultianos destacamos em Bampi (1999b). Nessa dissertação de mestrado, a pesquisadora coloca sob rígida suspeita os ideários mais celebrados da Matemática escolar, ou seja, aqueles que se referem à necessidade premente de que, através do ensino dessa disciplina escolar, o aluno elabore uma leitura crítica da realidade, para daí exercer conscientemente sua cidadania. Assim, a Matemática se transformaria num veículo emancipatório, cuja direção se orienta para a libertação de sujeitos alienados. No entanto, conforme escreve elegantemente Bampi (1999b), mesmo esse discurso de redenção iluminista não está alheio a capilares relações de poder que, inclusive, movimentam estratégias de controle. Afinal de contas, pode-se no bojo desse discurso localizar uma prática essencialmente prescritiva e totalizante, que quer explicar e dar conta de tudo – a cultura, a sociedade, a política, a economia, etc. – através tão simplesmente da Educação Matemática por meio da Etnomatemática. Com efeito, ainda que haja as melhores intenções possíveis nessas recomendações pedagógicas, esse discurso majoritário “[...] produz a regulação do que deve ser entendido por ‘um ideal de paz’, por ‘liberdade’, por ‘cidadania’ e por uma ‘educação matemática’” (BAMPI, 1999a, p. 137). Para tanto, como ironicamente conclui a autora, “[...] nunca se deve esquecer que alcançará tais propósitos somente aqueles e aquelas que forem educados/as, ou melhor educados/as matematicamente” (BAMPI, 1999a, p. 136).

Finalmente, o extenso ensaio de Bello (2010) faz um voo profícuo sobre as contribuições do Pós-estruturalismo, em geral, e dos estudos foucaultianos, particularmente, no que toca o ensino da Matemática e dos saberes estatísticos.



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula

Seguindo a mesma direção das nossas referências anteriores, esse professor escreve que as aulas vêm servindo como “laboratórios de poder” dos discursos oficiais da Educação Matemática; esses, por sua vez, vêm imbuídos, malgrado a roupagem democrática e iluminista que possuem, de verdades postas e programadas, ora tendendo para a inovação, ora para a captura da subjetividade dos professores por teorias hegemônicas e arbitrarias. Nas palavras de Bello (2010), não podemos deixar de estarmos atentos à política geral da Educação Matemática que vem excluindo, exercendo pressão e coerção frente a outros discursos, visto que essa “[...] vêm fabricando modos de ser professor de matemática de uma forma tensa e conflituosa” (BELLO, 2010, 566).

4. O que encontramos (até agora...)

Em Foucault (1987), os discursos produzem poder e saber e, devido a isso, não nos estaria disponível um método geral que conseguisse esmiúça-los plenamente. Por esse prisma, a tese do filósofo francês é que nos atenhamos à superfície de dados ditos e escritos, assinalando o que pode e o que não ser escrito nos arquivos escolhidos. Como resultado, ao conhecermos o sistema de formação sobre o qual se apoia esse conjunto de enunciados, nos é aberta a oportunidade de compreendermos melhor como fomos subjetivados por relações de poder que exercemos ou sofremos.

Através dessa grade de inteligibilidade, ao percorrer os primeiros dois anos da *Revista Brasileira de Estatística*, podemos perceber alguns discursos que se hegemonizavam e estavam mais presentes naquela época. Dois já se cristalizam nas publicações de 1940 e 1941: 1) a estatística como régua de medida do rendimento educacional, 2) a escola distanciada de sua *verdadeira* função social do preparo para a vida e para o trabalho.

Já em seu primeiro número identificamos um impulso discursivo em considerar a educação “como método de produzir um rendimento, ou técnica particularizada” (FILHO, 1940b, p. 73), defendendo, portanto a ideia de que a educação só apresenta seus “verdadeiros delineamentos, a sua marcha de execução e os seus resultados, pela estatística” (Ibid., p. 74). Como se a escola fosse uma máquina de produção, Lourenço Filho salienta uma *consciência técnica* como o recurso, juntamente com a estatística, que iria saber medir, saber verificar o trabalho do professor e o valor dos processos que



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula o mesmo emprego. A estatística seria o meio pelos quais o Estado pode organizar uma produção em plano e pode “estabelecer um sistema de educação, que sirva às tendências e necessidades reais do povo, numa concepção de permanente reconstrução” (Ibid, p. 75). As estatísticas educacionais destacam o que vinha sendo o movimento de organização e aperfeiçoamento da educação brasileira visando melhores resultados e rendimentos.

Esse movimento de produção e eficiência, características da modernidade, justificam as estatísticas educacionais e encaram a educação como um método de industrialização. Sendo ela industrializável, deverá gerar riquezas, ser economicamente viável e proporcionar produtos lucrativos: “[...] Todas as leis protetoras e todos os melhoramentos materiais são incapazes de determinar a riqueza, se não partirem da educação popular, a mais criadora de todas as forças econômicas, a mais fecunda de todas as medidas financeiras” (REVISTA BRASILEIRA DE ESTATÍSTICA, 1941, p. 1003).

A educação popular vem sustentar uma educação para o trabalho que se alinha com a vertente econômica e produtiva fortemente defendidas nas primeiras décadas do século XX. “Todas as grandes nações [...] atingiram nível superior de progresso, pela educação [...] social [do povo]: física e moral, eugênica e cívica, industrial e agrícola, tendo por base a instrução primária de letras e a técnica profissional” (VARGAS, 1941, p. 823). Há uma corrente de incentivo à educação para o trabalho e à educação para a vida, Lourenço Filho perfilha a ideia de “convencer os empregadores, no interesse da produção das fábricas e oficinas, da necessidade do ensino técnico-profissional” (FILHO, 1940c, p. 268). “Pretende-se que ela [escola] coopere de maneira positiva na formação integral do homem e do cidadão, que cuide da saúde dos escolares, que os inicie nas técnicas do trabalho” (FILHO, 1940a, p. 651).

Dentre os discursos defensores da educação para o trabalho e para a vida apresentam-se os conhecidos e atuais discursos os quais, a escola aparece como não-atrativa, separada da vida real e incapaz pedagogicamente de reter os alunos. Nos artigos referentes à evasão escolar, por mais que se apresentem problemas sociais que levam a evasão, é constante o borbulhar da “falta de capacidade da escola para reter os



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula alunos, por mau ensino ou ensino desadaptado aos interesses normais da coletividade e do próprio aluno, etc.” (FILHO, 1941, p. 540). Getúlio Vargas, em sua mensagem perante a Assembleia Nacional constituinte, no ato de sua Instalação, em 15 de Novembro de 1933, critica a instrução nacional adjetivando-a como lacunosa e que “falha no seu objetivo primordial: preparar o homem para a vida. Nela devia, portanto, preponderar o ensino que lhe desse o instinto da ação no meio social em que vive” (VARGAS, 1941, p. 825). O trabalho das escolas é desviado de sua função considerada verdadeiramente social,

do preparo para a vida e para o trabalho fornece uma preparação quase inteiramente formal, puramente de alfabetização. Ora, a alfabetização se completa nos dois primeiros anos do curso. Para que, então, continuar? Sentem os pais, a não ser que os filhos possam prosseguir em estudos acadêmicos, que a escola não lhes está servindo à vida real (FILHO, 1940d, p. 660).

Tendo como alicerce as estatísticas educacionais, as questões sociais e do trabalho, os números examinados trazem significados e conclusões da incapacidade da escola reter os alunos e enfatizar sua não aplicação à vida real. “[...] a quase totalidade das crianças em idade escolar e que não estão na escola, permanecem nessa situação porque, [...] esta (a escola) não as soube reter; [...] em consequência da insuficiente ação atrativa da escola” (FREITAS, 1941, p. 639).

A instituição escolar é colocada em um mesmo balaio da produtividade, da rentabilidade, da manufatura e da eficiência no fornecimento de algum produto. Comparada e no embalo da modernidade ela entra na ameaça de ser reduzida a estes discursos. Francisco Campos (1941) coloca muito bem este cenário expondo o quanto os números causam a fascinação pela máquina, pelo rendimento e pela eficiência; a ideia da educação para vários fins desloca a escola de sua verdadeira função, logo o conceito de educação pode estar correndo “graves riscos de ser extremamente simplificado, reduzindo este grande e nobre processo a um simples meio de obter valores imediatos” (CAMPOS, 1941, p. 831). Haveria educação para tudo e para todas as funções, mostrando o aparente perigo de que, “no processo geral de industrialização que caracteriza o mundo moderno, a educação seja igualmente industrializada” (Ibid., 1941, p. 831).



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula

É como se os discursos atuais fossem ressonâncias de outros já existentes na primeira metade do século XX. Encontramos já em 1940 “toda a dura e crua realidade – o aspecto sombrio e negativo da escola brasileira” (FREITAS, 1941, p.633), como se a escola e a educação não fossem competentes e não cumprissem seu dever de forma a conceber cidadãos aptos para a vida e para o trabalho. Freitas (1941) coloca ainda que é insuficiente criar mais escolas no país para que escolarizem todos os infantes, pois “agora o equívoco é evidente [...] está bem claro que o problema não é a carência de escolas, mas sim a ineficiência das escolas existentes (FREITAS, 1941, p. 639). O autor conclui em seu texto sobre as estatísticas da evasão escolar o quanto a escola é culpada e o quanto ela é *péssima* em sua função.

5. E a Educação Matemática?

Após essas descrições, é importante destacar que a pesquisa, justamente por intencional inserir-se nas trilhas dos estudos foucaultianos, admite a plasticidade dos percursos aqui descritos, que são mais pensados enquanto estratégias provisórias de pesquisa. Por ora, o que mais vem nos interessando é poder tratar o conjunto desses conhecimentos como discursos, verdadeiras práticas ditas e escritas que se fazem soberanas, indicando de 1) de onde vieram, 2) como emergiram, e 3) a serviço de quais relações de poder foram postos em operação.

Até aqui o ensino da Matemática, em específico, não aparece ou, melhor dizendo, está enquadrado no grande regime discursivo encabeçado pela Educação. Entretanto, se considerarmos as estatísticas educacionais como uma das formas de governar a Educação, não estaria ela governando também a Educação Matemática? Ora, a *Revista Brasileira de Estatística*, por ser um meio de educação e propaganda estatística, traz nos seus volumes das décadas de 40 e 50, entre outros elementos, cursos de estatística, a formação do estatístico, a divulgação de estatísticas educacionais e seu ensino (evasão escolar, permanência no sistema escolar, etc.), as estatísticas do Ministério da Educação e Saúde ao IBGE, além de o número 8 ser todo voltado à Educação e o volume 18 um dicionário estatístico. É por esses e outros motivos que a investigação deve e irá prosseguir.



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula

Por um lado, como vimos, já é possível perceber a introdução gradual dos saberes estatísticos tanto nas práticas de governo quanto na disposição da estrutura educacional. Por outro, notou-se uma crítica aos valores pedagógicos em vigência; não por acaso, pedagogos do porte de Anísio Teixeira e Lourenço Filho, dois dos expoentes da Escola Nova no Brasil, tinham presença confirmada em várias edições do nosso periódico. Com efeito, muitas características indicam que a Educação Matemática, tanto enquanto estratégia de governo, como enquanto dispositivo pedagógico, terão espaço senão especial, no mínimo indireto nas próximas edições que estamos analisando. Mas a descrição desses discursivos é algo que nos compete fazer.

6. Referências

BALL, Stephen. J. Mercados educacionais, escolha e classe social: o mercado como uma estratégia de classe. In: GENTILI, P. (Org.). **Pedagogia da exclusão**: crítica ao neoliberalismo em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BELLO, Samuel E. L. Jogos de linguagem, práticas discursivas e produção de verdade: contribuições para a educação (matemática) contemporânea. **Zetetikê**, Campinas, v. 18, 2010.

BAMPI, Lisete. Efeitos de poder e verdade do discurso da Educação Matemática. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, jan.-jun. 1999a.

_____. **O discurso da Educação Matemática**: um sonho da Razão. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, UFRGS. Porto Alegre, 1999b.

CAMPOS, Francisco. Sobre a Filosofia da Educação. **Revista Brasileira de Estatística**, Rio de Janeiro, v.2, n. 8, out-dez. 1941.

FILHO, Lourenço. Alguns aspectos da educação primária. **Revista Brasileira de Estatística**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, out.-dez. 1940a.

_____. Estatística e educação. **Revista Brasileira de Estatística**, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, jan-mar. 1940b.

_____. Tendências na Educação Brasileira. **Revista Brasileira de Estatística**, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, abr-jun. 1940c.

_____. Alguns aspectos da educação primária. **Revista Brasileira de Estatística**, Rio de Janeiro, v.1, n. 4, out-dez. 1940d.



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula _____. A evasão escolar no ensino primário brasileiro. **Revista Brasileira de Estatística**, Rio de Janeiro, v.2, n. 7, jul-set. 1941.

FREITAS, Mario. A. T. Ainda a evasão escolar no ensino primário brasileiro. **Revista Brasileira de Estatística**, Rio de Janeiro, v.2, n. 7, jul-set. 1941.

FRIGOTTO, Gaudencio. Os delírios da razão – crise do capital e metamorfose conceitual no campo educacional. In: GENTILI, P. (Org.). **Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

_____. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GENTILI, Pablo. Adeus à escola pública: a desordem neoliberal, a violência do mercado e o destino da educação das majorias. In: GENTILI, P. (Org.). **Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PESSOA, Djalma. G. C. Editorial. **Revista Brasileira de Estatística**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 189, p. 5, 1987.

POMPEU, José Maria. **Breve história da Estatística**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2004.

REVISTA BRASILEIRA DE ESTATÍSTICA. A lição dos números sobre a reforma no ensino. **Revista Brasileira de Estatística**, Rio de Janeiro, v.2, n. 7, jul-set. 1941.

SOARES, José Carlos M. Palavras de apresentação. **Revista Brasileira de Estatística**, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, jan-abr. 1940.

VARGAS, Getúlio. Educação. **Revista Brasileira de Estatística**, Rio de Janeiro, v.2, n. 8, out-dez. 1941.



XIII ENEM



Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula
VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. In: PORTOCARRERO, V.; VEIGA-NETO, A.; CASTELO BRANCO, G. (Orgs.). **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: NAU, 2000.